



**UEPB**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA**

**MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CAMPO DA  
EQUIDADE**

**CAMPINA GRANDE-PB**  
**2024**

POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA

**MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CAMPO DA  
EQUIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Educação Física na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Educação Física.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino

**CAMPINA GRANDE-PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447m Almeida, Polliana Felipe de.

Mulher no esporte [manuscrito] : desafios e perspectivas no campo da equidade / Polliana Felipe de Almeida. - 2024.  
31 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Doris Nobrega de Andrade Laurentino, Departamento de Educação Física - CCBS".

1. Mulher no esporte. 2. Equidade. 3. Ambiente esportivo - desafios. 4. Preconceito no esporte. I. Título

21. ed. CDD 796.082

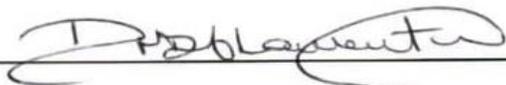
POLLIANA FELIPE DE ALMEIDA

MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CAMPO DA  
EQUIDADE

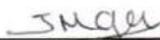
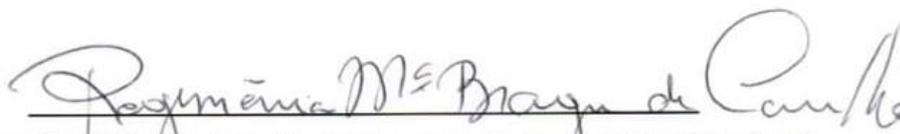
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de Educação Física na Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Educação Física.

Aprovado em: 22/11/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Jozilma de Medeiros Gonzaga (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regimênia Maria Braga de Carvalho (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>05</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>06</b>
<b>2.1</b>	<b>Desigualdade de gênero</b> .....	<b>08</b>
<b>2.1.1</b>	<b><i>Preconceito e discriminação</i></b> .....	<b>09</b>
<b>2.1.2</b>	<b><i>Direito das mulheres</i></b> .....	<b>10</b>
<b>2.1.3</b>	<b><i>Mulheres no esporte</i></b> .....	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>24</b>

## MULHER NO ESPORTE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CAMPO DA EQUIDADE

### WOMEN IN SPORT: CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN THE FIELD OF EQUITY

#### RESUMO

Autor (Polliana Felipe de Almeida)<sup>1</sup>

O presente estudo trata sobre possíveis desafios e perspectivas das mulheres no âmbito esportivo, tomando como base a discussão acerca da equidade de gênero. Ele tem como objetivo principal compreender e refletir o lugar da mulher no esporte sob o prisma da equidade de gênero, raça e etnia. E de forma específica, discutir a inserção da mulher no esporte no cenário brasileiro com base na produção científica da área. Deste modo, o estudo analisa a literatura sobre a participação das mulheres no esporte, tratando de tópicos como a desigualdade de gênero, o preconceito e a discriminação, além dos direitos das mulheres no cenário esportivo. A pesquisa emprega uma revisão bibliográfica integrativa para examinar como atletas femininas, particularmente no contexto brasileiro, venceram obstáculos culturais e sociais, espelhando progressos e batalhas por equidade. A pesquisa foi feita em duas bases de dados, Google acadêmico e SciELO. Dos achados, foram selecionados 468 artigos, lidos seus títulos e resumos e excluídos 462. Sendo assim selecionados 6 artigos. Os achados sugerem que, mesmo com avanços, ainda existem desigualdades estruturais. O estudo conclui que a promoção da equidade de gênero no esporte é crucial para converter o cenário esportivo em um local de inclusão, respeito e reconhecimento das mulheres.

**Palavras-Chave:** Mulher; equidade; gênero; preconceito.

#### ABSTRACT

The present study deals with possible challenges and perspectives of women in the sporting field, based on the discussion on gender equity. Its main objective is to understand and reflect the place of women in sport from the perspective of gender, racial and ethnic equality. And specifically, discuss the inclusion of women in sport in the Brazilian scenario based on scientific production in the area. In this way, the study analyzes the literature on women's participation in sport, dealing with topics such as gender inequality, prejudice and discrimination, in addition to women's rights in the sporting scenario. The research employs an integrative literature review to examine how female athletes, particularly in the Brazilian context, have overcome cultural and social obstacles, reflecting progress and battles for equity. The research was conducted in two databases, Google Scholar and SciELO. From the findings, 468 articles were selected, their titles and abstracts were read and 462 were excluded. Thus, 6 articles. The findings suggest that, even with advances, structural inequalities still exist. The study concludes that promoting gender equity in sport is crucial to converting sporting scene into a place of inclusion, respect and recognition for women.

**Keywords:** Woman; equity; gender; prejudice.

Polliana Felipe de Almeida

E-mail: polianaalmeidax@hotmail.com

Curso de Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba

## 1 INTRODUÇÃO

O esporte historicamente já foi dominado por homens. No entanto, a representatividade feminina vem cada vez mais crescendo e mulheres ganhando espaço. Este progresso não só favorece a maior visibilidade das mulheres, como também simboliza um esforço fundamental para desconstruir estereótipos de gênero fortemente arraigados na sociedade. É essencial incluir e envolver as mulheres no esporte para fomentar a igualdade de gênero, confrontando estruturas desiguais e expandindo a percepção social do papel feminino nesse contexto.

Já na infância, meninas são expostas a barreiras que limitam sua inserção na prática esportiva. Quando não são incentivadas e muitas vezes nem apoiadas para seguirem para o esporte de alto rendimento. Discriminação sexual, assédio, falta de reconhecimento são alguns dos desafios enfrentados por mulheres e no meio esportivo não se dá diferente. Apesar das conquistas ao longo dos anos, muitas dessas dificuldades ainda persistem, exigindo um olhar atento e crítico.

A importância de se estudar esse tema é que ele tem grande relevância em nossa atualidade e mostra que ao contrário do que se pensava antigamente, a mulher merece, pode e deve ser inserida no esporte. Mulheres vêm cada vez mais mostrando a importância de suas contribuições, seus talentos e conquistando espaço dentro do esporte. Lutar por reconhecimento e por igualdade tem sido uma bandeira levantada pelas mulheres. A participação feminina no esporte traz contribuições significativas, rompe barreiras culturais e fortalece o direito de todas as mulheres de explorarem seus talentos e competências.

O esporte é um espelho das dinâmicas sociais, e os desafios que as mulheres atletas enfrentam refletem os obstáculos que elas encontram em outros campos. Ao analisar o contexto esportivo, podemos compreender como as desigualdades são mantidas, quais tipos de discriminação ainda persistem e como a superação desses obstáculos pode auxiliar na formação de uma sociedade mais equitativa.

Analisar a participação feminina no esporte vai além da questão de gênero. A dimensão crucial é a interseccionalidade, que abrange também raça, etnia e classe social. Mulheres de diferentes origens lidam com desafios diversos e, muitas vezes, mais intensos, conforme suas condições sociais e culturais. Escrever sobre o assunto expande o debate para essas nuances, destacando a relevância de uma perspectiva inclusiva e diversificada.

A imagem das mulheres mudou ao longo dos anos. No início, a maior preocupação era encontrar práticas corporais que ajudassem a desenvolver a feminilidade, utilizando o corpo saudável como “ferramenta” para ter filhos. As mudanças e o espaço concedidos às mulheres hoje em dia são notáveis, no entanto, apesar do seu espaço em constante expansão, as mulheres ainda não são necessariamente reconhecidas, valorizadas e não recebem a igualdade que merecem em algumas áreas.

Para compreender a desigualdade, as lutas das mulheres e a história para conquistar o seu próprio espaço, é necessário compreender as mudanças ocorridas e a história que viveram.

Portanto, por meio de uma revisão da literatura sobre o tema mulheres no esporte tomando como base a equidade, apresenta-se como objetivo principal do presente estudo: compreender e refletir o lugar da mulher no esporte sob o prisma da equidade de gênero, raça e etnia. E de forma específica, discutir a inserção da mulher no esporte no cenário brasileiro com base na produção científica da área.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se fala sobre mulheres é importante fazer referências sobre gênero, feminismo, interseccionalidade e empoderamento. Começando por gênero, o seu conceito diz respeito às construções culturais e sociais ligadas às identidades e funções atribuídas a homens, mulheres e outras identidades<sup>1</sup> de gênero. Ao contrário do sexo, o gênero é um conjunto de expectativas e regras que estabelecem comportamentos, atividades e características que são vistos como adequados para cada sexo em uma sociedade.

No texto "Gênero: a História de um Conceito", Piscitelli (2008) apresenta um estudo minucioso sobre a evolução e a complexidade do conceito de gênero, que ganhou relevância nos estudos feministas, de sexualidade e de identidade nas últimas décadas. A escritora analisa o processo de formulação e reformulação do termo "gênero" no âmbito acadêmico e ativista, ressaltando as mudanças que ele experimentou em variados contextos teóricos e políticos.

O conceito de gênero é esclarecido por Piscitelli e começou a se sobressair no meio acadêmico na década de 1970, com o objetivo de diferenciar os aspectos biológicos (sexo) dos aspectos culturais e sociais (gênero). A escritora salienta que, conforme o conceito de gênero se desenvolveu, ele sofreu uma série de revisões críticas. Durante as décadas de 1980 e 1990, com o surgimento dos estudos pós-estruturalistas e pós-modernos, o gênero começou a ser percebido não somente como uma estrutura social sólida, mas também como uma categoria fluida e em constante transformação.

Piscitelli (2008) também aborda a conexão entre o conceito de gênero e outras categorias de análise, tais como raça, classe e sexualidade. A ideia de interseccionalidade, formulada por intelectuais como Crenshaw (1989), destacou a importância de compreender a conexão entre as opressões de gênero e outras formas de opressão, como o racismo. Segundo Piscitelli (2008), essa visão interseccional é crucial para um entendimento mais completo das desigualdades de gênero, uma vez que as vivências de mulheres e LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer +) diferem conforme suas posições sociais e raciais.

E o que seria interseccionalidade? No livro: "Interseccionalidade", Collins e Bilge (2016) proporcionam uma investigação detalhada do conceito de interseccionalidade, destacando sua importância tanto no contexto teórico quanto na prática social. A interseccionalidade é o processo pelo qual diversas formas de opressão, tais como raça, gênero, classe, sexualidade e outras, interagem simultaneamente na vida das pessoas, gerando experiências de marginalização e privilégio.

Collins e Bilge (2016) defendem que a interseccionalidade não é somente um instrumento teórico, mas também uma prática que pode ser empregada para examinar e confrontar as desigualdades na realidade. A interseccionalidade proporciona um prisma pelo qual podemos compreender como diversos sistemas de poder se sobrepõem e impactam de formas variadas indivíduos e grupos marginalizados.

---

<sup>1</sup> LGBTQIAPNB+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans ou Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binárias, + (todas as demais sexualidades e identidades de gênero). Fonte: Defensoria Pública do Estado da Paraíba, 2024.

As escritoras discutem exemplos de práticas interseccionais em variados cenários, como movimentos sociais e ativismo global. Elas demonstram a aplicação da interseccionalidade em campos como justiça social, educação, direitos humanos e políticas públicas, argumentando que uma estratégia interseccional é crucial para enfrentar as desigualdades sistêmicas de forma eficiente.

O livro "Interseccionalidade" é uma introdução fundamental ao conceito, proporcionando uma perspectiva nítida de como ele pode ser empregado para compreender e combater opressões complexas. Collins e Bilge (2016) argumentam que a interseccionalidade é um instrumento crucial para fomentar a justiça social, uma vez que reconhece que as desigualdades não existem de forma isolada, mas estão interligadas.

Collins e Bilge (2016) também discutem uma investigação sobre as raízes do conceito de interseccionalidade, situando-o no feminismo negro estadunidense, que emergiu como uma reação à invisibilidade das mulheres negras em movimentos feministas e antirracistas. Elas ressaltam o papel de pensadoras como Angela Davis, Audre Lorde e outras na construção de uma compreensão mais abrangente das diversas facetas da opressão.

Falando em feminismo, Mendes (2024) explicita no Portal Brasil Escola, que o mesmo é um movimento social e político que batalha pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Historicamente, as mulheres foram colocadas em uma posição de subordinação e inferioridade em relação aos homens, associadas a sexo frágil, as oportunidades de trabalho e acesso à educação, entre tantas outras coisas não se deram de forma igual as mulheres. Portanto, o feminismo surge como uma reação a essas desigualdades, buscando autonomia, reconhecimento e respeito às necessidades e vivências femininas.

No entanto, com o passar do tempo, observou-se que as vivências de opressão e desigualdade não impactam todas as mulheres da mesma maneira. Mulheres de várias origens, status sociais, etnias e orientações sexuais experimentam a opressão de formas variadas. O feminismo negro surge como um movimento dentro do feminismo com o objetivo de dar visibilidade e combater as opressões específicas que as mulheres negras sofrem, que ultrapassam o machismo, englobando também o racismo e, frequentemente, a desigualdade econômica.

O livro: "Por um Feminismo Afro-Latino-Americano", organizado por Flavia Rios e Marcia Lima, reúne ensaios e textos de Lélia Gonzalez, uma das intelectuais negras mais relevantes do Brasil. O livro apresenta pensamentos fundamentais sobre raça, gênero, classe e cultura, ressaltando a contribuição pioneira de Lélia Gonzalez para o feminismo negro e a batalha contra o racismo na América Latina. Gonzalez (2021) sugeriu um feminismo que levasse em conta as particularidades das mulheres negras na América Latina, incorporando raça e gênero como componentes indissociáveis das opressões vivenciadas.

Gonzalez (2021) foi uma das primeiras intelectuais a enfatizar a importância de um feminismo específico para mulheres negras e da América Latina, em contraste com o feminismo dominante de mulheres brancas e de classe média. Ela destacava que as mulheres negras sofrem dupla opressão: a de gênero e a racial. Segundo Gonzalez (2021), não se pode refletir sobre a libertação feminina sem considerar o racismo que as impacta de maneira única. O seu raciocínio antecipou muitos dos

debates atuais sobre interseccionalidade, unindo raça, gênero e classe em suas análises das desigualdades.

Falar sobre feminismo é importante também citar sobre empoderamento feminino. E o que seria isso? Dionísio (2023), no Portal Instituto Aurora, assevera que o empoderamento feminino é o processo em que as mulheres adquirem poder, domínio e independência sobre suas vidas, corpos, escolhas e ambientes sociais. Este princípio tem suas origens nos movimentos feministas e de direitos humanos, com o objetivo de fomentar a igualdade de gênero, removendo obstáculos que impedem a participação integral das mulheres em várias áreas da sociedade. O empoderamento das mulheres é algo crucial nas batalhas por justiça social, igualdade e a superação das desigualdades históricas que impactam as mulheres.

O empoderamento feminino é um processo de múltiplas faces, que engloba a batalha pela independência e equidade das mulheres em todos os aspectos da vida: pessoal, econômico, político, social e cultural. Não se trata somente de conceder autonomia às mulheres, mas também de eliminar obstáculos que historicamente têm restringido suas oportunidades e direitos. Na essência, empoderar as mulheres implicam estabelecer uma sociedade mais justa e igualitária para todos, onde cada indivíduo possa exercer suas habilidades e direitos ao máximo, sem considerar seu gênero.

## **2.1 Desigualdade de gênero**

Quando acontece um fenômeno social onde um gênero recebe privilégios em detrimento de outro, denomina-se desigualdade de gênero. Isso ocorre por conta de nossa sociedade machista e cultura patriarcal. Que eleva o gênero masculino na pirâmide social. Ela reflete em vários âmbitos da vida, como na educação, na política, no trabalho. Gerando desigualdades econômicas e sociais. Segundo o Portal Ibase (2023), no ranking de desigualdade social, o Brasil ocupa a 79ª posição. Historicamente, essas desigualdades foram construídas com base em papéis de gênero que subordinavam as mulheres, limitando sua participação em espaços de poder e influenciando as expectativas sociais quanto ao seu comportamento e funções na sociedade.

Podemos usar como exemplo o mercado de trabalho, segundo Tavessi et al (2021) mulheres ainda não alcançaram a igualdade salarial, enfrentando muitos empecilhos para ocupar cargos de liderança. E muitas vezes quando chegam a esses cargos, ganham menos que os homens. Independente da inteligência e capacidade, são desvalorizadas. E além disso, muitas ainda enfrentam jornada dupla, tendo que cuidar sozinha da casa e dos afazeres domésticos.

Na esfera política, a ausência de mulheres em posições de liderança é um problema mundial. Embora tenha havido progressos, como a introdução de cotas eleitorais em algumas nações, as mulheres ainda encontram obstáculos culturais e institucionais para assumir posições de destaque em governos e partidos políticos, restringindo a variedade de pontos de vista na elaboração de políticas públicas. Segundo o Portal da Câmara dos Deputados (2022), na Câmara de Deputados, apenas 91 das 513 cadeiras são de mulheres. De acordo com o Portal do Senado Federal (2022) no Senado, 10 das 81 cadeiras são de mulheres. Não chegando nem a um terço das cadeiras representadas por mulheres.

As desigualdades de gênero também se manifestam nas violências de gênero, que vão desde a agressão doméstica até o assédio em ambientes públicos e digitais. Essas agressões são tanto um resultado quanto um meio de perpetuação das desigualdades, pois têm como objetivo dominar e subjugar as mulheres, reforçando um conceito de inferioridade e subordinação.

A desigualdade de gênero é perceptível e fácil de perceber, difícil é modificá-la (Porfírio,2024). Para isso, precisa-se primeiro enfrentá-la, como também implementar políticas públicas amplas que incentivem a igualdade, o fortalecimento das mulheres e a alteração das estruturas sociais que mantêm a discriminação. Isso engloba o incentivo à educação inclusiva, o reconhecimento do trabalho doméstico, a expansão do acesso a cargos de liderança e a aplicação de ações efetivas contra a violência de gênero. A mudança só será possível através da sensibilização social e do envolvimento ativo de todos os indivíduos, sem distinção de gênero.

### **2.1.1 Preconceito e Discriminação**

As questões históricas e persistentes de preconceito e discriminação contra as mulheres no esporte estão profundamente enraizadas em construções sociais que perpetuam a desigualdade de gênero. A concepção tradicional de que o esporte é uma atividade majoritariamente masculina tem dificultado a completa participação e reconhecimento das mulheres nos esportes, além de restringir suas chances em diversas modalidades.

Um dos sinais mais claros desse preconceito é a disparidade de tratamento entre atletas femininos e masculinos, particularmente no que diz respeito à patrocínio, remuneração, exposição na mídia e infraestrutura. Embora os esportes masculinos atraiam grandes investimentos e tenham ampla cobertura da mídia, frequentemente as competições femininas são deixadas de lado, recebendo menos tempo de transmissão e menos destaque na mídia. Esta discrepância não indica habilidade ou performance, mas sim estereótipos de gênero que subestimam a capacidade das mulheres no âmbito esportivo.

Segundo o Portal do Senado Federal (2021), a discriminação também se expressa por meio de comentários sexistas, menosprezo pela aptidão física feminina e exigências ligadas à aparência das atletas, muitas vezes mais voltadas para padrões estéticos do que para suas habilidades esportivas. Frequentemente, as atletas mulheres são avaliadas mais pela sua aparência do que pela sua performance, algo que não ocorre com a mesma frequência nos esportes masculinos.

Outro aspecto relevante é a falta de mulheres em posições de liderança no esporte, seja como técnicas, dirigentes ou treinadoras. A predominância masculina nesses cargos de autoridade perpetua a marginalização e a sub-representação feminina em instâncias de tomada de decisões. Isso gera um círculo vicioso, no qual a escassez de chances para mulheres em posições de liderança espelha e intensifica as disparidades de gênero existentes no âmbito esportivo.

Apesar dos progressos realizados, como a inclusão de mais modalidades femininas em competições internacionais e a expansão de ligas e torneios exclusivamente femininos, ainda existe um extenso percurso a ser feito. A batalha pela equidade de gênero no esporte não se restringe apenas à criação de mais oportunidades para as mulheres atletas, mas também à desconstrução dos estereótipos que restringem seu pleno envolvimento.

Dessa forma, lutar contra a discriminação de gênero e o preconceito no esporte demanda alterações culturais e estruturais, bem como o engajamento de organizações esportivas, patrocinadores, mídia e da comunidade como um todo. A equidade no esporte não é somente uma questão de justiça social, mas também de valorização do talento e da dedicação das mulheres, que frequentemente encontram obstáculos consideráveis para competir e serem reconhecidas.

### **2.1.2 Direitos das mulheres**

Antes de tudo, é necessário entender as causas da discriminação contra as mulheres. Elas permaneceram afastadas do debate e do ambiente público por um longo período, desempenhando um papel secundário na sociedade. Suas obrigações eram apenas domésticas, cuidar da casa e dos filhos, não possuindo poder de decisão em assuntos de relevância como economia, política e até matrimonial. Não podendo nem escolher com quem irá se casar, como acontecia nos séculos XIX e XX.

Barreto (2016), no Portal JusBrasil, remete que desde a antiguidade grega, a mulher era considerada um ser inferior, numa cultura onde somente os homens tinham a capacidade de desempenhar funções de grande relevância, como posições de liderança e definir as políticas públicas da comunidade.

Esta desigualdade perdurou por séculos, contribuindo para um sistema patriarcal onde a cidadania feminina não era valorizada. Onde as mulheres não tinham direitos que pudessem lhes garantir proteção.

Assim, o princípio da equidade busca assegurar que, independentemente do gênero, todos os indivíduos devem ter as mesmas chances de crescimento, com suas ações e pontos de vista sendo igualmente valorizados.

A equidade de gênero inclui uma visão formal, ou seja, a garantia legal de que todos os indivíduos devem ter um tratamento equitativo e uma visão concreta, que inclui a noção de que indivíduos de diferentes gêneros são diferentes e suas diferenças devem ser consideradas na proteção de seus direitos e oportunidades.

Hoje, é muito mais discutido sobre o combate à estrutura patriarcal e sabe-se que é um problema toda a demora para que mulheres tivessem liberdade de escolhas e vontades. Ao longo da história, alguns marcos foram extremamente importantes na garantia dos direitos das mulheres.

No sistema de aprendizagem, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), mulheres têm conquistado mais espaço. Entre as mulheres com 25 anos ou mais, 19,4% já completaram o ensino superior no Brasil. Enquanto entre os homens da mesma idade, apenas 15,1% têm ensino superior completo. Porém, nem sempre a educação foi assegurada às mulheres. Apenas em 1827, com a promulgação da Lei Geral em 15 de outubro, as mulheres puderam ingressar em colégios e prosseguir seus estudos além da escola primária. A mesma lei facilitava o ensino de matemática para as mulheres, pois ensinamentos como de frações e decimais não eram usuais. E lhes ofereciam ensinamentos de costuras, bordado e corte. Segundo o Portal Sae Digital (2024), o acesso à faculdade só foi dado às mulheres o direito mais tarde, em 1879.

Na política, foi apenas no ano de 1910 que foi criado por Leolinda de Figueiredo Daltro o Partido Republicano Feminino, primeiro partido feminino da história. Leolinda era uma feminista ativista, que no mesmo ano teve seu pedido negado após requerer

o alistamento eleitoral, isso lhe causou grande revolta e marcou o início para criação do partido. Seu objetivo era trazer mais mulheres para lutarem junto a ela pelo direito ao voto.

Foi em 24 de fevereiro de 1932 que foi garantido à mulher o direito ao voto, através do Decreto 21.076, emitido pelo presidente Getúlio Vargas. E foi incorporado à Constituição em 1934. Porém, foi apenas em 1965 que o voto se tornou obrigatório. No início do século XX houveram muitas organizações feministas no movimento sufragista em busca de direitos e essa conquista se deu principalmente graças a isto.

Já em 1962 foi criado o Estatuto da Mulher Casada, através da Lei 4.121, de 27 de agosto. Esse feito representou um marco na legislação do Brasil, simbolizando um progresso na batalha pela igualdade de gênero e o reconhecimento dos direitos femininos. A legislação é fruto de um extenso percurso político e do poder da representação feminina no Congresso do Brasil.

Segundo Lopes (2019) no Jornal da USP, no futebol, apenas em 1979 a prática foi garantida às mulheres. Na era Vargas de 1941 a 1979, era proibido a prática de esportes como o futebol para mulheres, pois segundo o decreto feria a “natureza feminina”. Apesar da proibição e sofrendo preconceitos, as mulheres nunca pararam de jogar. Os preconceitos refletem ainda na sociedade de hoje, podemos ver isso na falta de incentivo e patrocínio que o futebol feminino enfrenta.

A primeira Delegacia da Mulher do Brasil foi criada em 6 de agosto de 1985, por meio do Decreto 23.769. O surgimento da primeira Delegacia da Mulher se deu através de ações feministas que demandam um cuidado especial para mulheres que sofreram violência. O movimento feminista sempre lutou contra o desprezo e a impunidade do sistema judiciário em relação aos crimes cometidos contra as mulheres.

Em 1988 a Constituição Brasileira reconheceu homens e mulheres iguais perante a lei. Esta vitória foi fruto de décadas de batalha das feministas. A paridade entre homens e mulheres é um preceito presente nas Constituições brasileiras desde o Império. No entanto, foi a Constituição de 1988 que estabeleceu a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

Foi em 7 de agosto de 2006 que a Lei Maria da Penha foi promulgada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A legislação, conhecida como 11.340, representa um marco histórico na batalha contra a violência doméstica no Brasil. Consolidando direitos femininos no país, oferecendo proteção e suporte às mulheres que sofreram violência doméstica, psicológica e moral. A legislação é um tributo a Maria da Penha Fernandes, uma mulher que após seu marido ter tentado matá-la por duas vezes, ela se empenha em lutar contra a violência contra mulheres.

Feminicídio é quando alguém mata uma mulher apenas pelo fato dela ser uma mulher. No Brasil, apenas em 09 de março de 2015 que a lei do Feminicídio (Lei 13.104/15) foi aprovada e entrou em vigor. A lei além de dar penas mais altas, inclui o feminicídio na lista de crimes hediondos, o tornando um homicídio qualificado.

Outro marco importante foi a importunação sexual passar a ser considerada crime no Brasil. Em 24 de setembro de 2018 a lei nº 13.718 entrou em vigor. E qualquer ato libidinoso sem consentimento e assédio passou a ser crime. Para esse marco, a força de movimentos feministas foi essencial.

Foi criada em 4 de agosto de 2021 Lei nº 14.192/2021, o Código Eleitoral foi modificado por essa lei, que tornou crime a violência política baseada no gênero. A lei

define normas jurídicas para reprimir, prevenir e lutar contra a violência política contra as mulheres.

Apesar de tantos direitos conquistados, ainda se está longe da equidade de gênero e é necessária muita luta ainda para poder alcançá-la. Sendo assim, fica o questionamento de qual próximo passo será dado para mais direitos serem conquistados.

### **2.1.3 Mulheres no Esporte**

Na Grécia Antiga, mais precisamente nos primeiros jogos olímpicos, a participação das mulheres nos esportes era proibida. As mesmas não podiam participar nem mesmo como telespectadoras. Maeda (2019), no Portal Carta Capital, afirma que de acordo com o regulamento dos jogos, mulheres casadas que participassem poderiam ser punidas com a pena de morte. Com isso, para impedir a participação de mulheres disfarçadas, os homens competiam nus. Apenas uma conseguiu o feito de participar, entrando nos jogos disfarçada de treinadora, Kallipatira viu seu filho ser campeão no pugilato. A mesma deixou sua roupa cair, revelando-se a todos que era uma mulher. Apesar de quebrar a lei, Kallipatira foi poupada por ser irmã, esposa e mãe de vencedores olímpicos. Porém, a partir disso foi criada uma lei que obrigava os técnicos a também participarem nus.

Já na Idade Média, os eventos públicos ainda eram dominados por homens, mas as mulheres podiam participar dos jogos com bola. O que mudou totalmente no século XVII, mulheres mais uma vez perdem seus direitos e são submetidas a seus maridos, isso quando casadas, caso fosse solteira era submetida a um parente homem mais próximo, o que acabou excluindo mais uma vez as mulheres do esporte. Só no final do século XVIII e início do século XIX, os cavaleiros ingleses levam suas mulheres para assistir a alguns eventos de corridas de cavalos e boxe. Dessa forma, é dado início a participação das mulheres em eventos esportivos.

Na primeira Olimpíada em Atenas, em 1986, mulheres até podiam participar, porém apenas como espectadoras. Mânica (2024) elucida no Portal Esportelândia, que Stamata Revithi, uma mulher de origem grega, decidiu ir contra todas as probabilidades. Por ser mulher, foi impedida de participar da maratona dos Jogos Olímpicos de Verão. No dia seguinte à competição oficial, ela repetiu o trajeto da maratona, completando os 42km com uma diferença de 2 horas em relação ao vencedor, contudo, superando diversos homens. Esta maratona em particular só foi disponibilizada para as mulheres durante os Jogos Olímpicos de 1984.

Já em 1900, nas Olimpíadas em Paris, mulheres começaram a participar, mas apenas em modalidades restritas: tênis e golfe, esses esportes em específico por serem considerados belos e delicados. Como não eram vistas como atletas, recebiam apenas um certificado, não recebiam prêmios.

A cada edição, o número de atletas femininas cresce, fazendo com que a presença feminina nos Jogos Olímpicos esteja em sintonia com a participação feminina na vida política, social e econômica. É crucial documentar para que ninguém se engane com a noção de um progresso natural da sociedade: todos esses progressos resultaram de muita luta por igualdade.

Durante as décadas de 1920 a 1930, surgiram as primeiras esportistas brasileiras. Maria Lenk foi uma das primeiras atletas brasileiras de destaque. Segundo o Portal CNN Brasil (2024), o ano de 1932 marcou a primeira vez que a nadadora competiu. Ela competiu nos Jogos Olímpicos de Los Angeles neste ano de 1932 com outros 66 homens. A primeira mulher do Brasil a defender o país em uma disputa

Olímpica. Embora não tenha alcançado o pódio, sua vitória representou um grande avanço para o esporte nacional. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, contribuiu para difundir o nado borboleta (oficializado na Olimpíada de 1956) ao exibir uma técnica de braçada inédita até então, utilizada exclusivamente por homens na competição de nado peito.

Entretanto, como a história é composta por avanços e retrocessos, no ano de 1941 Getúlio Vargas editou o Decreto-Lei 3.199, que previa: Art. 54. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desporto baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” Esse decreto, proibia as mulheres de praticar esportes e o mesmo ficou em vigência até o ano de 1975.

Com isso, a delegação brasileira encolheu. Em 1964, somente uma mulher representou o Brasil nas Olimpíadas de Tóquio: Aída dos Santos. Havia sido a única membro do atletismo. Totalmente em desvantagem: sem sapatilhas, sem fardas, com um pé lesionado e sem assistência técnica, estabeleceu um novo recorde nacional na final. Durante trinta e dois anos, sua proeza estabeleceu um recorde no Brasil.

Vilela (2022), no Portal Propmark, explicita que durante a ditadura militar, em 2 de agosto de 1965, a Deliberação nº 7, assinada pelo General Eloy Massey Oliveira de Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos, estabeleceu a linha que separava o esporte feminino no Brasil: “Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, Rugby, halterofilismo e baseball.”

Como estavam impedidas de participar de competições oficiais, as mulheres começaram a desenvolver táticas como jogos comemorativos e beneficentes, além de disputas não oficiais em locais alternativos, como os circos, para poderem praticar as modalidades vetadas.

Em um momento de proibição para mulheres, em 19 de abril de 1967, Kathrine Switzer fez história. Sendo a primeira mulher a participar de uma maratona, ela correu a maratona de Boston e terminou a prova em 4h20min. Apenas homens podiam participar de qualquer prova de rua.

Para Lopes (2019), no Jornal da USP, diz que durante o governo de Getúlio Vargas, a prática esportiva era proibida por meio de um decreto-lei. Enquanto isso, Asaléa de Campos Fornero Medina atuava como o centroavante de uma equipe feminina clandestinamente. Posteriormente, graduou-se em Educação Física, além de ter estudado por alguns anos a escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol. Mais tarde, foi convidada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) para atuar como árbitra em 1971. Tornando-se no mundo a primeira mulher árbitra de futebol profissional.

O ano de 1984 foi marcado pela primeira edição da maratona feminina nas Olimpíadas sediada em Los Angeles. Uma mulher se destacou nesta edição, a suíça Gabriela Andersen-Schiess, ela terminou a prova na 37ª posição, mas o que chamou atenção foi a forma que ela chegou. Visivelmente desidratada e fraca, negou ajuda e terminou a prova cambaleando, levando a plateia ao delírio.

Nos anos 90, o trio composto por Hortência Marcari Oliva, Janeth dos Santos Arcain e Paula Gonçalves da Silva foi um sucesso no basquete feminino. As três integraram a conquista do Pan-Americano de Havana em 1991. Após essa vitória, vieram a conquista do título Mundial em 1994, na Austrália, foram também prata em Atlanta 1996 e conquistaram uma medalha de bronze em Sidney 2000.

Daiane dos Santos, um dos maiores nomes do esporte no país. A brasileira se destacou na final do solo no Mundial de 2003, realizado em Anaheim, nos Estados

Unidos. Foi a primeira brasileira a levar uma medalha de ouro. Gentili (2023), apresenta no Portal "Olímpiada todo dia" que Daiane venceu a romena Catalina Ponor ao som da canção "Brasileirinho", garantindo a medalha de ouro. Foi nesta edição que ela desenvolveu junto ao seu técnico o movimento "duplo twist carpado", movimento que mais tarde foi batizado em sua homenagem por "Dos Santos" pela federação internacional.

A gigante Marta Vieira da Silva, foi por seis vezes eleita a melhor jogadora do mundo, dentre elas, cinco anos consecutivos. Superou Pelé e foi a maior artilheira da história da seleção brasileira. Foi também a maior artilheira da história das Copas do Mundo. Três vezes medalha de prata nas Olimpíadas e duas vezes medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos.

Rafaela Silva ganhou a primeira medalha de ouro do Brasil nos Jogos Rio 2016. Depois de ser desclassificada em 2012 por usar um golpe ilegal, ela foi bombardeada com insultos racistas e quase abandonou o esporte. Em 2020, ela deu a volta por cima ao derrotar cinco adversárias e levantar uma torcida contagiante no Parque Olímpico da Barra. Na decisão da categoria peso-leve (até 57kg), Rafaela venceu a judoca que liderava o ranking mundial, levando o ouro para casa.

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 ocorreu apenas em 23 de julho de 2021, foi adiada devido à pandemia causada pela Covid-19. Nos jogos, as mulheres alcançaram várias conquistas históricas.

Laura Pigossi e Luisa Stefani fizeram história ao conquistarem a inédita medalha de bronze no tênis. Em conjunto, alcançaram o recorde histórico do tênis brasileiro em Olimpíadas.

Hidilyn Diaz conquistou a primeira medalha de ouro em levantamento de peso da História das Filipinas, seu país natal. Foram noventa e seis anos de espera para então ela alcançar esse feito.

Outro progresso significativo foi alcançado no basquete masculino. Pela primeira vez, a brasileira Andreia Regina, uma mulher, foi árbitra na história dos Jogos Olímpicos. Anteriormente, as mulheres apitavam apenas partidas de jogos femininos.

Afetuosamente conhecida como "fadinha do skate", Rayssa Leal também foi destaque nas Olimpíadas de Tóquio 2020. Com apenas treze anos, ganhou a medalha de prata na modalidade. Tornando-se a mais jovem medalhista da história dos Jogos Olímpicos.

Mayra Aguiar foi medalhista de bronze no judô nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Ela foi a única atleta do Brasil a conquistar três medalhas olímpicas em esportes individuais, quebrando mais um recorde.

Rebeca Andrade, do Brasil, foi outro grande nome a brilhar nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Com apenas 22 anos, superou campeãs mundiais, recebendo a medalha de ouro na ginástica.

Já nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, Rebeca Andrade e Rayssa Leal também estiveram em destaque. Rebeca conquistou medalha de ouro no solo da ginástica, duas medalhas de prata no individual geral e no salto da ginástica artística e mais uma medalha junto a sua equipe, na ginástica artística feminina na disputa por equipes. Já Rayssa Leal conquistou o bronze no skate street.

Mulheres que também estiveram em destaque foram Ana Patrícia e Eduarda (Duda), elas ficaram por oito anos sem ganhar medalhas no vôlei de praia e após vinte e oito anos sem ganhar ouro na modalidade, elas conquistaram a medalha de ouro no vôlei de praia feminino.

Beatriz Souza, de 26 anos, em sua primeira participação nos Jogos Olímpicos, ganhou a primeira medalha de ouro para o Brasil em Paris. No judô, na categoria

+78kg, Beatriz precisou vencer quatro lutas e na decisão, sua última luta foi contra a israelense Raz Hershko, número 2 do ranking mundial, por waza-ari.

Já no futebol feminino, as brasileiras ficaram com a medalha de prata. Foram derrotadas na final pelos Estados Unidos por 1 a 0. Enquanto no vôlei de quadra, ficaram com a medalha de bronze.

Apesar das desigualdades, essas foram grandes mulheres alcançando grandes feitos no esporte.

Estar presente nas práticas esportivas como mulher é estar sempre em busca de equidade. É lutar por espaço na sociedade, não se deixar calar, ter os nomes em evidência, já que por tanto tempo foram esquecidos.

### **3 METODOLOGIA**

Como metodologia para o estudo, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica, de revisão integrativa, pautada numa abordagem quantiquantitativa para discussão dos dados.

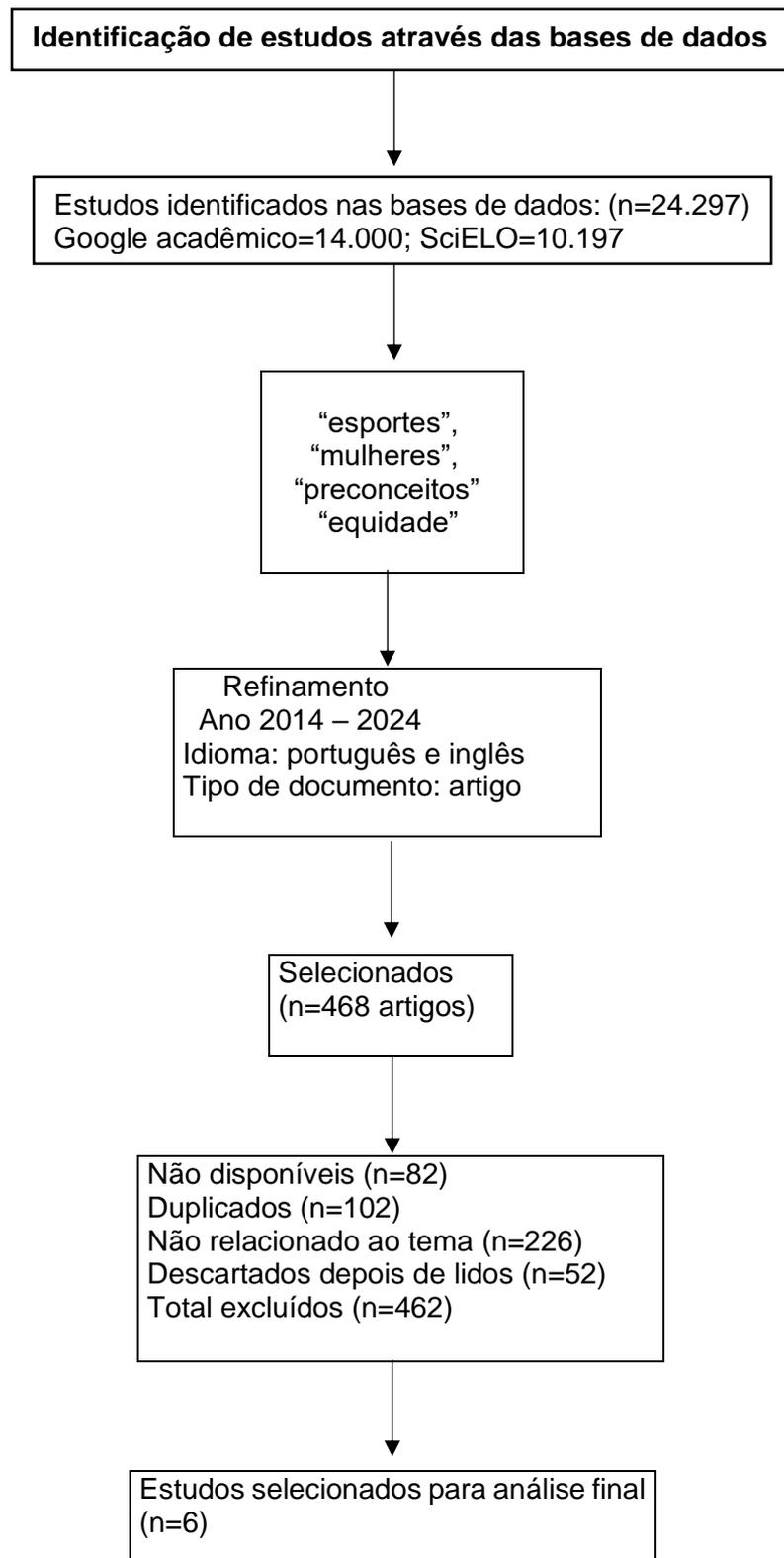
A pesquisa bibliográfica foi realizada em duas bases de estudos científicos: Google Acadêmico e SciELO, no período de julho a setembro de 2024. Nos dias: 05 a 26 de julho, 06 a 23 de agosto, 03 a 10 de setembro. No horário de 13h às 16h. Os descritores utilizados foram: esportes, mulheres, preconceitos e equidade. Foi utilizado o operador booleano: AND. Assim, foram encontrados artigos científicos, teses e monografias.

Como critério de inclusão, utilizou-se estudos publicados nos últimos 10 anos. As buscas foram realizadas nos idiomas Língua Portuguesa e Língua Inglesa, sendo a seleção realizada primeiramente pelo título, depois lido o resumo e caso se encaixasse no tema era selecionado. Como critério de exclusão, utilizou-se estudos de outros idiomas diferentes dos determinados, estudos duplicados, estudos que não estavam disponíveis quando acessados e estudos não relacionados ao tema foram excluídos.

Com isso, na base de dados Google Acadêmico foram encontradas 14.100 publicações e na base de dados SciELO foram encontradas 10.197 publicações. Um grande número de publicações que se deve principalmente ao número de anos selecionado. Contudo, a navegação na base de dados revelou que os títulos dos estudos em sua maioria fugiam aos objetivos deste trabalho. Apresentando tópicos relacionados a preconceitos em geral e ao campo geral da Educação Física e não se adequando de forma específica ao tema proposto. Após a triagem, foram selecionados 6 artigos.

Sendo realizada uma revisão da literatura sobre o tema equidade das mulheres no esporte, isso contribuirá com a ampliação dos conhecimentos dos leitores sobre essa temática específica, pois as revisões tem a função de preencher as lacunas existentes na literatura através da combinação de diferentes pesquisas bibliográficas (Cordeiro, 2007).

A partir do que foi encontrado nas bases de dados, foi produzido um fluxograma apresentando desde os descritores selecionados até os estudos selecionados para análise final.

**Figura 1.** Fluxograma da revisão integrativa

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Para aprimorar a fundamentação teórica da pesquisa bibliográfica, utilizou-se também artigos e reportagens de sites, jornais e revistas digitais, obtidos por meio de

pesquisas no Google. Os sites utilizados foram: Portal de Notícias Quebrando o tabu; Portal Mídia Ninja; Portal Carta Capital; Portal Lei em Campo, o canal do direito esportivo; Jornal da USP; Portal Ibase; Portal Sae Digital; Portal Politize; Portal Instituto Aurora; Portal Brasil Escola.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No **Quadro 1** é apresentado a síntese dos estudos encontrados acerca do tema mulheres no esporte tomando como base a equidade, para análise e discussão.

**Quadro 1:** Descrição dos artigos sobre o tema mulheres no esporte tomando como base a equidade.

AUTOR/ANO	TÍTULO	METODOLOGIA	OBJETIVO	RESULTADOS
Piscitelli / 2008	Gênero: a história de um conceito	Estudo de caráter teórico e documental, focado em uma revisão bibliográfica histórica e crítica com o objetivo de rastrear o desenvolvimento do conceito de gênero.	Analisar a evolução do conceito de gênero, explorando como ele foi definido, apropriado e transformado ao longo do tempo dentro dos estudos feministas e das ciências sociais.	O estudo de Piscitelli oferece uma crítica ao essencialismo de gênero, promovendo uma visão mais dinâmica e multifacetada, que considera o gênero como uma construção interligada a contextos históricos e de poder.
Collins e Bilge / 2020	Interseccionalidade	Estudo teórico qualitativo, focado em revisão de literatura e análise conceitual, que examina a evolução e aplicação do conceito de interseccionalidade em diferentes contextos, incluindo movimentos sociais, políticas públicas e práticas de pesquisa.	Oferecer uma compreensão acessível e abrangente sobre o conceito de interseccionalidade.	O livro destaca a aplicabilidade do conceito em diferentes campos, além de encorajar uma reflexão crítica sobre como as interações entre diferentes formas de poder moldam a vida das pessoas em contextos específicos.
Rios e Lima / 2020	Por um Feminismo Afro-Latino-Americano	O livro busca preservar e divulgar o legado intelectual de Lélia Gonzalez. Os textos foram selecionados para oferecer uma visão	Recuperar e destacar o legado intelectual de Lélia Gonzalez, uma das figuras centrais do feminismo negro	A obra reforça a importância do pensamento de Gonzalez como ferramenta de conscientização e transformação social, oferecendo uma base

		abrangente de sua contribuição teórica e política, valorizando temas centrais de seu pensamento e sua atuação em movimentos sociais.	no Brasil e na América Latina.	teórica para debates sobre justiça social e equidade. Através de seus ensaios, Gonzalez promove um entendimento mais profundo da complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres negras, impulsionando discussões sobre identidade e pertencimento na América Latina.
Rubio e Veloso / 2019	As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica	Metodologia qualitativa para analisar as carreiras de atletas mulheres no Brasil. A pesquisa fundamenta-se em uma avaliação sociológica e política, se baseia em dados documentais e relatos de experiências. A pesquisa é de análise narrativa e interpretativa.	Investigar e dar visibilidade à trajetória histórica e política das mulheres no esporte brasileiro.	A história das mulheres no esporte do Brasil é marcada por um protagonismo historicamente negligenciado devido a um projeto político de esportes predominantemente masculino. O estudo revela que as vitórias e batalhas dessas atletas simbolizam um ato de transgressão e resistência, que transcende o âmbito esportivo e alcança uma dimensão social e política.
Barreto e Knijnik / 2022	Novos rumos para as mulheres no futebol Brasileiro	O estudo adota uma abordagem qualitativa com foco na análise documental e revisão de literatura. Trata-se de um estudo de caráter exploratório e descritivo. A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender e dar visibilidade às transformações e desafios enfrentados pelas mulheres no futebol brasileiro.	Examinar e promover uma compreensão das políticas, desafios e avanços para a participação das mulheres no futebol brasileiro.	Os achados da pesquisa ressaltam a relevância do aumento do suporte ao futebol feminino, particularmente após eventos de grande repercussão como a Copa do Mundo Feminina de 2019. Os autores propõem que é necessário um maior envolvimento das políticas públicas e uma maior inclusão social para que o futebol feminino se estabeleça com a mesma legitimidade

				que o futebol masculino.
Araujo et al / 2021	A trajetória histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos	É uma pesquisa qualitativa, de análise histórica e documental, usando dados documentais, como relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos e documentos do Comitê Olímpico Internacional (COI). Os critérios de inclusão e exclusão focam em eventos olímpicos, não abrangendo competições fora do contexto olímpico, e incluem apenas dados que permitam avaliar a inclusão progressiva das mulheres e as barreiras enfrentadas em diferentes períodos históricos.	O objetivo deste estudo é traçar a trajetória histórica da participação feminina nas Olimpíadas e compreender como as normas sociais, os preconceitos e as políticas do Comitê Olímpico Internacional (COI) moldaram essa trajetória.	Os achados da pesquisa indicam que, ao longo das décadas, a participação feminina evoluiu, intensificando-se a partir da década de 1980, com a maior inclusão de modalidades femininas e políticas de igualdade de gênero do COI.
Mota / 2021	Participação de mulheres brasileiras no futebol: desvalorização e desafios	A metodologia utilizada foi qualitativa, de natureza descritiva e de corte transversal, com uma revisão bibliográfica narrativa baseada em livros e artigos relevantes sobre o tema.	Entender as razões culturais e sociais por trás da desvalorização do futebol feminino no Brasil.	Os achados sugerem que as atletas brasileiras lidam com diversos obstáculos, como o preconceito, a falta de visibilidade, o apoio limitado da mídia, as desigualdades salariais, além de uma restrição nos torneios e locais esportivos destinados a elas. A pesquisa indica que elementos culturais contribuem para a pouca valorização do futebol feminino, afetando diretamente a persistência das mulheres no esporte.
Souza, Caprano, Jensen / 2017	Olhos masculinos nascidos para a	Abordagem qualitativa, combinando	Analisar o tratamento dado ao corpo	As crônicas esportivas brasileiras, particularmente as

	contemplação do belo: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira	análise documental de natureza histórico-literária. A sua ênfase recai na análise de crônicas esportivas brasileiras de escritores como Armando Nogueira e Nelson Motta, que debatem o esporte feminino com destaque para a estética feminina. A inclusão se restringiu a crônicas sobre mulheres no esporte, deixando de fora conteúdos que se concentram exclusivamente no desempenho esportivo, sem referências estéticas e culturais relacionadas ao gênero.	feminino nas crônicas esportivas, evidenciando a objetificação da mulher atleta, frequentemente descrita com termos que destacam sua beleza e sensualidade, ao invés de suas habilidades esportivas.	dos escritores Armando Nogueira e Nelson Motta, retratam as atletas femininas com ênfase na estética e no "belo", em vez de destacarem sua performance esportiva. Este olhar superficial expõe uma visão restrita, na qual a mulher é frequentemente apreciada por suas características físicas, e não por suas vitórias esportivas.
Salvini e Marchi / 2016	Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos sobre o preconceito no futebol feminino do Brasil	Abordagem qualitativa com enfoque descritivo e analítico. O estudo baseia-se em entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro jogadoras de futebol amador de Curitiba-PR, que em algum momento de suas carreiras defenderam a seleção brasileira. A pesquisa busca descrever e analisar as dificuldades e motivações enfrentadas pelas jogadoras.	Explorar os relatos e vivências de jogadoras de futebol feminino no Brasil, especialmente sobre as dificuldades e o preconceito enfrentado por elas.	Os achados indicam que as jogadoras de futebol relatam uma constante batalha contra o preconceito de gênero, frequentemente intensificado pela visão social de que o futebol é um esporte "masculino". Essas barreiras abrangem a desvalorização do esporte, ausência de estímulo e até discriminação explícita, como a dificuldade em conseguir patrocínio e a pressão para que as atletas adotem uma "feminilidade normativa" fora das quadras. As participantes ressaltam que a resiliência e a

				determinação são qualidades cruciais para ultrapassar esses desafios.
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

O artigo de Rubio e Veloso (2019), "As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica" examina a trajetória das mulheres no esporte brasileiro. Ele destaca como a participação feminina tem sido historicamente marginalizada devido a um projeto político dominado por homens.

Ao longo de décadas foram consideradas incapazes de governar a si mesmas e aos outros, devendo, portanto, submeter-se à autoridade determinada em casa e fora dela. Excluídas do direito ao corpo e ao prazer sexual, foram também impedidas de experimentar a agonística e os limites do rendimento esportivo. Desse modo, "a grande conquista feminina e feminista do século XX, também chamado 'século das mulheres', foi o direito à existência (Rubio; Veloso, 2019, p. 12).

Rubio e Veloso (2019) falam sobre os esforços das mulheres em esportes, que promovem uma jornada que muitas vezes é ignorada. A análise das trajetórias das atletas mostra que o protagonismo feminino é um ato social e político que é novo e transgressor. Com uma sociedade predominantemente masculina, a participação das mulheres nos esportes é tida como um ato de resistência e enfrentamento, desafiando os obstáculos.

Já no estudo de Barreto e Knijnik (2022) "Novos rumos para as mulheres no futebol Brasileiro".

[...] é inegável que nos últimos anos foi possível notar o crescimento do futebol de mulheres no Brasil, seja no número de times e atletas profissionais, seja no debate social sobre as mulheres na modalidade. É pertinente lembrar que esse processo não foi natural, muito menos sem luta, persistência e participação das atletas e mulheres envolvidas nos vários âmbitos da cultura futebolística (Barreto, *et al*, 2022, p. 437).

Barreto e Knijnik (2022) abordam coisas inimagináveis que as mulheres viveram no futebol brasileiro, toda luta traçada pela igualdade. Toda trajetória do futebol feminino no Brasil foi repleta de desafios e preconceitos. Contudo, após a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, houveram alguns avanços, o que acabou atraindo mais mulheres para modalidade.

Além disso, o texto destaca a importância dos movimentos feministas e da mídia na divulgação do futebol feminino. Ele também destaca a relevância de persistir na luta contra a discriminação às mulheres e incentivar a presença feminina em todas as modalidades esportivas.

O texto "A trajetória histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos" de Araujo, *et al* (2021), analisa a evolução da participação feminina nos Jogos Olímpicos desde a sua criação até os dias atuais. Ele destaca o avanço das mulheres no esporte ao longo dos anos, mesmo com um começo caracterizado por exclusão e preconceito.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio de 2020 foi noticiado como sendo o primeiro, historicamente, com a maior equidade de gênero entre atletas competidores,

51% eram do gênero masculino e 49% do gênero feminino (COI, 2020). Esse aumento inclusivo de mulheres nas Olimpíadas representa um marco para o protagonismo feminino no meio esportivo, principalmente por se tratar de um ambiente em que as decisões por muitos anos foram executadas exclusivamente pelos homens (Araujo, *et al*, 2021, p. 02).

O estudo de Araujo et al (2021) revisa a literatura usando dados do Comitê Olímpico Internacional (COI). Ele analisa aspectos como a data do evento, a quantidade total de atletas presentes e a distribuição de atletas do sexo masculino e feminino. Vale ressaltar que a edição de 2020 registrou a participação feminina mais expressiva da história, com 48,8% dos participantes sendo mulheres.

Além disso, o artigo fala sobre a necessidade de ações contínuas para garantir e promover a equidade de gênero no esporte.

Foram muitas dificuldades enfrentadas por mulheres no futebol brasileiro e no estudo "Participação de mulheres brasileiras no futebol: desvalorização e desafios" de Mota fala sobre o caminho percorrido.

Foi possível perceber que ao longo da história no meio esportivo, a mulher era proibida de participar de alguns esportes e competições. Isso ocorreu devido a forma que a mulher é vista perante a sociedade, uma mulher do sexo frágil que deveria se preparar para uma maternidade saudável e cuidar dos filhos. Tal fato está presente desde a Grécia Antiga quando a mulher não podia participar e nem assistir aos primeiros Jogos Olímpicos (Mota, 2021, p. 16).

Mota (2021) cita que historicamente, as mulheres não eram permitidas a participar de esportes e eram desvalorizadas. Mesmo após a liberação do esporte, as mulheres ainda enfrentam problemas importantes, como preconceito, invisibilidade, falta de apoio da mídia, disparidades salariais e falta de espaço e campeonatos. Combatendo os preconceitos sociais e culturais.

O artigo "Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo: a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira" de Souza et al (2017) examina como escritores brasileiros conhecidos, como Armando Nogueira e Nelson Motta, retrataram as atletas femininas. A pesquisa é histórica e examina histórias literárias e esportivas sobre a supervalorização da estética corporal das mulheres em detrimento de seu desempenho atlético.

Especificamente em relação às crônicas investigadas, foi constatada uma predominância de textos relacionados ao futebol, revelou-se, assim, que a cobertura jornalística/literária é mais um dos fatores que colaboram para colocar o "esporte bretão" à frente dos demais na preferência nacional. No que se refere ao conteúdo dessas crônicas esportivas ou futebolísticas, a maioria pauta suas análises e reflexões na prática masculina. As atletas ainda não conquistaram uma igualdade de interesse, tanto no que diz respeito ao público quanto à cobertura jornalística. Provavelmente, isso se explique pela precariedade dos campeonatos, ou seja, somente as competições internacionais entre seleções despertam interesse maior. A crônica, nesse sentido, é apenas um reflexo da sociedade (Souza, *et al*, 2017, p. 360).

O estudo de Souza et al (2017) enfatiza a supervalorização da estética corporal das mulheres atletas. Isso é demonstrado pelo fato de que os cronistas frequentemente incorporavam suas percepções masculinas às frases destinadas ao desempenho atlético das mulheres. As crônicas tendiam a enfatizar a aparência física dos atletas em vez de suas habilidades esportivas.

Além disso, as crônicas frequentemente abordavam o desempenho das mulheres nos esportes, refletindo um estereótipo de uma mulher dócil e objeto de fantasias masculinas. O objetivo do artigo é obter uma compreensão dessa representação e como ela se aplica ao esporte feminino, particularmente ao futebol.

No artigo "Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos sobre o preconceito no futebol feminino do Brasil" de Salvini e Marchi, são descritos e analisados os desafios e as motivações que as jogadoras brasileiras enfrentam. Quatro jogadoras de futebol amador de Curitiba, PR, que já jogaram pela seleção brasileira, foram entrevistadas.

[...] para que o futebol feminino "*deslanche*", é preciso que haja consumo. Para que exista o consumo, deve haver inicialmente algum tipo de oferta, seja de produtos, de equipes, de campeonatos, ou de modo abrangente, de incentivo. E, concomitantemente à oferta, deve haver demanda. No entanto, para que seja criada uma demanda que venha a consumir essa modalidade, as jogadoras são incentivadas (pelos diretores, clubes e também patrocinadores) a se apresentarem de maneira mais próxima à normatividade /do gênero feminino, dentro e fora dos gramados. Essa nova roupagem na apresentação das jogadoras se dá no sentido de desmistificar o estereótipo de jogadora de futebol que não cuida da aparência física para além das atribuições do esporte (Salvini; Marchi, 2016, p. 309).

A análise mostrou que as entrevistadas relataram frequentemente preconceito, seja de gênero ou por falta de incentivo. O termo "guerreiras" é usado para descrever a determinação e resiliência das mulheres que buscam oportunidades profissionais no futebol. O artigo enfatiza o esforço dessas jogadoras para se tornar conhecidas e superar os obstáculos causados pelo preconceito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso das mulheres no esporte é caracterizado por progressos notáveis, porém também por obstáculos constantes que espelham uma sociedade ainda marcada por desigualdades de gênero. Neste estudo, observou-se como, ao longo da história, as mulheres foram marginalizadas no contexto esportivo, frequentemente percebidas como menos aptas fisicamente ou inadequadas para certas modalidades. Esse cenário, apesar de estar em transformação, ainda carrega vestígios de preconceitos que impactam a maneira como as mulheres são vistas no esporte atual.

Uma avaliação das principais desigualdades indica que as mulheres ainda se deparam com obstáculos estruturais, tais como diferenças salariais, menor destaque na mídia e investimento reduzido em suas trajetórias profissionais. Esses elementos não só afetam as chances de crescimento das atletas, mas também restringem o acesso de meninas e jovens ao esporte, perpetuando ciclos de exclusão.

Contudo, não se pode negar que os anos recentes foram marcados por importantes conquistas. Movimentos feministas e iniciativas mundiais em prol da igualdade trouxeram à tona debates essenciais. Além disso, políticas públicas focadas na inclusão feminina no esporte, bem como iniciativas de organizações esportivas internacionais, representam avanços significativos rumo à equidade. Essas ações destacam a relevância de estratégias intersetoriais, que envolvem o setor público, a mídia e o setor privado.

A equidade de gênero no esporte não se limita a assegurar igualdade de oportunidades em competições, mas também a fomentar um ambiente onde as

mulheres atletas sejam respeitadas e apreciadas por sua agilidade e vitórias, sem serem subjugadas a estereótipos de gênero. Aqui, a educação é fundamental, pois a desconstrução de preconceitos deve iniciar-se nas escolas, através de práticas inclusivas e do reconhecimento do esporte feminino desde a infância.

A jornada para a equidade total ainda é extensa. A batalha contra o preconceito de gênero e a disparidade no esporte demanda uma estratégia unificada, na qual governos, entidades esportivas e escolas colaborem para fomentar a inclusão e a visibilidade das mulheres no esporte. Além disso, o setor privado pode exercer uma função transformadora ao investir em competições femininas, desenvolver programas de estímulo para jovens atletas e assegurar que as mulheres possuam as mesmas chances de evolução e progresso em suas trajetórias esportivas.

Em suma, mesmo diante de muitos desafios, as expectativas para o futuro são otimistas. A batalha das mulheres por equidade no esporte persiste, contudo, os progressos obtidos nos últimos anos mostram que transformações relevantes podem ser alcançadas quando se unem esforços para promover a equidade. Se a sociedade persistir no investimento em políticas públicas inclusivas, na educação e no estímulo à participação feminina no esporte, pode-se visualizar um futuro em que o esporte se transforme de fato em um ambiente de equidade, respeito e valorização para todos, sem distinção de gênero, raça, classe e orientação sexual.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza Aguiar dos et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e44154, 2018.

ARAUJO, Erick Thiago Cardoso et al. **A Trajetória Histórica da Participação das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. EnPE, v. 8, n. 1, 2021.

ATLETAS DO BEM. **A importância da mulher no esporte**. Disponível em: <https://www.atletasdobem.com.br/a-importancia-da-mulher-no-esporte/#:~:text=A%20presen%C3%A7a%20feminina%20no%20esporte%20%C3%A9%20fundamental%20para,benef%C3%ADcios%20para%20a%20sa%C3%ADde%20e%20bem-estar%20das%20mulheres>. Acesso em: 28 de ago de 2024

ATHENA SPORTS. **Finishing the Boston Marathon despite an attempt to eject her**. Disponível em: <https://athenasports.com.br/story/finishing-the-boston-marathon-despite-an-attempt-to-eject-her/> Acesso em: 26 de set de 2024

AVANTE 70. **Mulher, desigualdade, preconceito e violência**. Avante 70. Disponível em: <https://avante70.org.br/noticias/mulher-desigualdade-preconceito-e-violencia/> Acesso em: 11 de out de 2024

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge D. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro. **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**. p. 434-458, 2022.

BRASIL. **Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962.** Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l4121.htm#:~:text=LEI%20No%204.121%2C%20DE%2027%20DE%20AGOSTO%20DE%201962.&text=Dispõe%20sobre%20a%20situação%20jurídica%20da%20mulher%20casada](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4121.htm#:~:text=LEI%20No%204.121%2C%20DE%2027%20DE%20AGOSTO%20DE%201962.&text=Dispõe%20sobre%20a%20situação%20jurídica%20da%20mulher%20casada). Acesso em: 21 de set de 2024

CAMARA DOS DEPUTADOS. **A conquista do voto feminino.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/a-conquista-do-voto-feminino/index.html> Acesso em: 20 de set de 2024

CNN BRASIL. **Maria Lenk foi a primeira atleta sul-americana em Olimpíadas.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpiadas/maria-lenk-foi-a-primeira-atleta-sul-americana-em-olimpiadas/#:~:text=A%20primeira%20brasileira%20em%20Olimp%C3%ADadas,primeira%20atleta%20ol%C3%ADmpica%20sul-americana>. Acesso em: 03 de nov. 2024

COCETRONE, Gabriel. **Mulheres conquistam avanços importantes no esporte, mas caminho ainda é longo** *Lei em Campo TV*. Disponível em: <https://leiemcampo.com.br/08-03-mulheres-conquistam-avancos-importantes-no-esporte-mas-caminho-ainda-e-longo/> Acesso em: 05 de out. de 2024

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Systematic review: a narrative review. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v.34, n.6, o. 428-431,2007

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIONÍSIO, Maria Beatriz R. **Empoderamento feminino e os direitos das mulheres**. *Instituto Aurora*. Disponível em: <https://institutoaurora.org/empoderamento-feminino-direitos-mulheres/>. Acesso em: 05 de nov. 2024

EDUCA MAIS BRASIL. **Mulheres no ensino superior são maioria: entenda.** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/mulheres-no-ensino-superior-sao-maioria-entenda> Acesso em: 19 de set de 2024

ESPORTELÂNDIA. **Stamata Revithi: a atleta que desafiou os limites do atletismo.** Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/atletismo/stamata-revithi/>. Acesso em: 03 de nov. 2024

GLOBO. **A impressionante história de superação da maratonista suíça que emocionou o mundo em 1984.** Disponível em: <https://ge.globo.com/olympicchannel/noticia/2023/08/24/a-impressionante-historia-de-superacao-da-maratonista-suica-que-emocionou-o-mundo-em-1984.ghtml> Acesso em: 27 de set de 2024

GLOBO. **Beatriz Souza vence israelense e conquista medalha de ouro no judô.** Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/02/beatriz-souza->

vence-israelense-e-conquista-medalha-de-ouro-no-judo.ghtml Acesso em: 02 de out de 2024

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p. ISBN 978-85-3781-889-3

GOOGLE ARTS & CULTURE. **Lea Campos, a primeira árbitra**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/DAUxB6lADPSFKw?hl=pt-BR> Acesso em: 26 de set de 2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (Ibase). **Pesquisa da FGV aponta aumento da desigualdade social após a pandemia**. Disponível em: <https://ibase.br/pesquisa-da-fgv-aponta-aumento-da-desigualdade-social-apos-a-pandemia>. Acesso em: 02 de nov. 2024

JOGOS OLÍMPICOS DE 2020 EM TÓQUIO. Portal Mídia Ninja via Instagram, 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/midianinja/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/midianinja/?utm_medium=copy_link) Acesso em: 02 de out de 2024

JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO 2020 EM TÓQUIO. Portal de notícias Quebrando o Tabu via Instagram, 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/quebrandootabu/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/quebrandootabu/?utm_medium=copy_link) Acesso em: 02 de out de 2024

JUSBRASIL. **A evolução histórica do direito das mulheres**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-evolucao-historica-do-direito-das-mulheres/395863079>. Acesso em: 24 de out. 2024

LANCE. **Mulheres que têm seus nomes marcados no esporte brasileiro**. Disponível em: <https://www.lance.com.br/galeria-premium/mulheres-que-tem-seus-nomes-marcados-esporte-brasileiro.html> Acesso em: 29 de set de 2024

LOPES, Larissa. **Mulheres passaram 40 anos sem poder jogar futebol no Brasil**. *Jornal da USP*. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 11 de out. 2024.

MAEDA, Patrícia. **A luta pela inclusão de todas as mulheres nos esportes**. *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-luta-pela-inclusao-de-todas-as-mulheres-nos-esportes/> Acesso em: 30 de ago de 2024

MENDES, Rafael Pereira da Silva. **"O que é feminismo?"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2024

MOTA, Ludmylla Beatriz Cunha. **Participação de mulheres brasileiras no futebol: desvalorização e desafios**. 2021.

NOSSA CAUSA. **Conquistas do feminismo no Brasil**. Disponível em: [https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gad\\_source=1&gclid=EAIaIQobChMI3bu1tMDPiAMVXVNIAB3OrwzHEAAYA SAAEgKDPfD\\_BwE](https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/?gad_source=1&gclid=EAIaIQobChMI3bu1tMDPiAMVXVNIAB3OrwzHEAAYA SAAEgKDPfD_BwE) Acesso em: 19 de set de 2024

OLÍMPIADA TODO DIA. **Daiane dos Santos: 20 anos de trajetória**. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/ginasticaartistica/534306-daiane-dos-santos-20anos/>. Acesso em: 18 nov. 2024

OXFAM Brasil. **Desigualdade de gênero: causas e consequências**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/blog/desigualdade-de-genero-causas-e-consequencias/#:~:text=A%20desigualdade%20de%20gênero%20reforça,discussão%20esteja%20sempre%20em%20evidência>. Acesso em: 11 de out de 2024

PARÁIBA. DEFENSORIA PÚBLICA DA PARAÍBA. **Cartilha LGBTQIAPNB+**. Disponível em: [defensoria.pb.def.br](https://defensoria.pb.def.br). Acesso em: 22 de nov. de 2024

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (Org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 116-148

PORFÍRIO, Francisco. **"Desigualdade de gênero"**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. Acesso em 08 de nov. de 2024

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.

SAE DIGITAL. **História das mulheres**. Disponível em: <https://sae.digital/historia-das-mulheres/>. Acesso em: 02 nov. 2024

SALVINI, Leila; MARCHI, Wanderley. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SÃO PAULO (Estado). **Criação da 1ª Delegacia de Defesa da Mulher do país completa 30 anos**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/criacao-da-1-delegacia-de-defesa-da-mulher-do-pais-completa-30-anos/> Acesso em: 21 de set de 2024

SÃO PAULO (Estado). **Lei do feminicídio**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/legislacao/lei-do-femicidio/#:~:text=A%20Lei%20nº%2013.104%2F2015,condição%20de%20mulher%20da%20vítima>. Acesso em: 25 set. 2024

SENADO FEDERAL. **DataSenado aponta avanço das mulheres nos esportes, mas preconceito permanece.** Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/datasenado-aponta-avanco-das-mulheres-nos-esportes-mas-preconceito-permanece>. Acesso em: 24 de out. 2024

SENADO FEDERAL. **Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero.**

Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero> Acesso em: 06 de set de 2024

SENADO FEDERAL. **Nas escolas do Império, menino estudava geometria e menina aprendia corte e costura.** Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura#:~:text=A%20lei%20de%201827%20também,como%20corte%2C%20costura%20e%20bordado>. Acesso em: 19 de set de 2024

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; JENSEN, Larissa. "Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo": a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 4, p. 355-361, 2017.

TAVASSI, et al. **Mulheres e o mercado de trabalho.** *Politize*. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/equidade/mulheres-e-o-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 05 de nov. 2024

TAVASSI, et al. **Equidade de gênero.** *Politize*. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/equidade/equidade-de-genero/> Acesso em: 19 de set de 2024

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE GOIÁS (TRE-GO). **Memorial da Justiça**

**Eleitoral: a história do voto feminino.** Disponível em: [https://apps.tre-go.jus.br/memorial/?page\\_id=11046](https://apps.tre-go.jus.br/memorial/?page_id=11046) Acesso em: 20 de set de 2024

VERONESE, D. **Participação política das mulheres e a desigualdade de gênero.**

Conjur, 5 jun. 2017. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-jun-05/participacao-politica-mulheres-desigualdade-genero/> Acesso em: 11 de out de 2024

VILELA, Carolina. **Futebol feminino conquista audiência no Brasil, mas ainda tem dificuldade com patrocínios.** *Propmark*. Disponível em:

<https://propmark.com.br/futebol-feminino-conquista-audiencia-no-brasil-mas-ainda-tem-dificuldade-com-patrocínios/>. Acesso em: 18 nov. 2024

## AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso só foi possível graças ao apoio, à inspiração e à presença de pessoas e forças que me acompanharam ao longo

desta caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar saúde, força e sabedoria para superar os desafios e pela fé que sustentou meu coração em todos os momentos dessa jornada.

À minha tia Rose, minha maior inspiração e suporte. Sua sabedoria, generosidade e incentivo constante foram essenciais nos momentos mais difíceis.

Ao meu namorado, Jacinto, pela paciência, compreensão e amor, que sempre me motivaram a seguir em frente e acreditar no meu potencial.

Ao meu irmão, que resolveu seguir meus passos e agora se encontra terminando sua jornada na licenciatura em Educação Física. Agradeço por todo apoio e ajuda durante essa jornada.

Aos meus amigos Taize, Clara, Viviane e Júnior pela amizade sincera e pelas palavras de apoio que tornaram este percurso muito mais significativo e especial.

À minha orientadora, pelo direcionamento, paciência e dedicação ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Sua orientação foi essencial para que este projeto tomasse forma e atingisse o seu propósito.

À banca examinadora, pela disponibilidade, atenção e contribuições valiosas que enriqueceram o resultado final deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os professores e colegas de curso que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. A todos vocês, minha eterna gratidão.



